TESSITURAS
Revista de Antropologia e Arqueologia

Danilo Vicensotto Bernardo[1]
Pedro Luís Machado Sanches[2]
Daniele Borges Bezerra[3]
Isadora de Leon Torres[4]

Editorial: Desafios Editoriais, Ética Científica e os Rumos da Tessituras

O mais recente número da Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia materializa não apenas a continuidade do nosso compromisso público com a escrita acadêmica qualificada em Antropologia, Arqueologia e

1 Professor Associado do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGAnt da Universidade Federal de Pelotas. Membro da Comissão Editorial da Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, danilobernardo@furg.br, https://orcid.org/0000-0002-0429-9623.

2 Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas – UFPel nos bacharelados em Museologia e Conservação-Restauração de Bens Móveis, e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt. Membro da Comissão Editorial Executiva da Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, pedro.sanches@ufpel.edu.br, https://orcid.org/0000-0003-4060-5111.

3 Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt da Universidade Federal de Pelotas – UFPel e Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – PPGMP – UFPel. Membra da Comissão Editorial Executiva da Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, borgesfotografia@gmail.com; https://orcid.org/0000-0001-6278-3838.

4 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGAnt - UFPel. Membra da Comissão Editorial Executiva da Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, socioloisa@gmail.com; https://orcid.org/0009-0007-7824-7643.

áreas afins, mas também testemunha a resiliência de quem escreve, avalia e edita diante de grandes e recorrentes obstáculos à publicação científica atual, especialmente no Brasil e na América Latina.

Aqui, propomos oportunamente algumas reflexões sobre os desafios comuns aos fluxos editoriais contemporâneos, à ética diante das transformações nos modos de produção do conhecimento, e à necessidade de nos prepararmos para os próximos passos da edição de um periódico com este.

O grande interesse acadêmico pela Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia é sinal de que nosso trabalho tem tido algum êxito, mas ao mesmo tempo implica em dificuldades no que diz respeito à avaliação, destinação e processamento de uma quantidade de submissões que só tende a crescer. Os desafios são constantes tanto na indicação e aceite por parte de pareceristas qualificados, quanto nos encaminhamentos referentes à revisão textual, formatação e diagramação de cada volume. Num cenário de manifesta sobrecarga de trabalho das pessoas atuantes na pesquisa brasileira, o esgotamento é uma queixa ainda mais frequente de quem edita periódicos. Compreender como funciona um sistema que opera no limite da capacidade de seus integrantes e, por isso mesmo, está sujeito a riscos muito altos, requer atenção redobrada à dimensão humana da edição de periódicos, o que implica inclusive na revisão e ressignificação de termos frequentemente utilizados pela comunidade de autores e pareceristas, cujas legítimas opiniões refletem escolhas metodológicas e políticas nem sempre afinadas com as condições de funcionamento de cada periódico. Indicamos aqui os rumos da Tessituras com o afã de prevenir mal-entendidos, descontentamento, insatisfação, mas também de fomentar compreensão mútua, senso colaborativo, solidariedade.

Em geral, a maturidade de uma publicação seriada leva em conta a regularidade da cronologia de seus volumes, tradicionalmente empregada para demonstrar o grau de consolidação de uma revista no cenário científico. Uma das características mais sensíveis do processo editorial é, portanto, a periodicidade. Mas, enquanto logramos algum êxito ao consolidar a cronologia, também enfrentamos percalços para assegurar o lançamento dos números subsequentes dentro do prazo habitual. O risco da descontinuidade, imposto sobretudo por atrasos nas etapas de avaliação, vetada a quem faz parte da Comissão Editorial por razões éticas, é incomensurável.

Ainda assim, a revista reafirma o compromisso com o fechamento e publicação de ao menos dois números anuais. Mesmo que eventuais descompassos cronológicos não anulem a maturidade ou maculem a trajetória do periódico, eles interferem no reconhecimento e na confiança entre os pares, o que precisa ser e será evitado.

Diferentes dificuldades podem adiar o fechamento dos números. Desde oscilações no fluxo de submissões (muitos textos chegam em datas próximas), até entraves na editoração e diagramação final (carência de equipe e de capacitação da equipe), passando pelo processo de avaliação por pares (cujo aceite e entrega dos pareceres é sempre uma incógnita) e por sucessivas rodadas de correções e ajustes. O fluxo editorial raramente avança de maneira linear, estagnando em etapas críticas, especialmente na obtenção de pareceres. Uma das estratégias mais eficazes para mitigar esses entraves é a consolidação do modelo de submissão em fluxo contínuo, no qual a revista permanece permanentemente aberta ao recebimento de manuscritos em qualquer época do ano, desvinculando o envio de colaborações de chamadas pontuais, e conferindo maior fluidez e dinamismo às etapas de triagem, avaliação por pares, revisão e publicação. A Tessituras não adotará este modelo, pois seguirá lançando dois números em seus

volumes anuais, sendo que o segundo número será destinado a dossiês temáticos.

Historicamente, nossa revista construiu grande parte de sua trajetória ancorada no formato de dossiês temáticos. Tais edições caracterizam-se por agregar pesquisas em torno de um recorte analítico específico, sob a coordenação de especialistas convidados ou proponentes selecionados por edital. Os dossiês fazem da revista um espaço de convergência monográfica e debate aprofundado sobre tópicos de destacado interesse científico. Ao longo de 13 anos de circulação, publicamos 17 dossiês temáticos, o que corresponde a 68% dos 25 números disponibilizados entre 2013 e 2025. Um modelo alternativo, e complementar ao formato monográfico dos dossiês, é a publicação centrada em artigos avulsos (ou de demanda contínua). Essa abordagem visa acolher a pluralidade espontânea das investigações em andamento, garantindo espaço regular e perene para a diversidade de estudo nas áreas, o que não impede que, editorialmente, certos agrupamentos de artigos venham a ser estabelecidos em torno de eixos analíticos que se mostrem convergentes.

Nesse horizonte, a Tessituras consolida uma importante transição: a revista passa a intercalar os dossiês com a publicação de artigos avulsos, preservando a regularidade de dois números anuais, mas mantendo fluxo aberto para submissões sobre os mais diversos temas ao longo de todo o ano. Havendo tempo hábil para avaliar, formatar e publicar, vamos editar submissões avulsas até o último dia de cada ano. Sem extinguir a realização de dossiês temáticos, a exemplo do que já está programado para o nosso próximo número, essa reconfiguração busca assegurar que a produção espontânea de excelência nas áreas de Antropologia, Arqueologia e áreas afins encontre um canal ágil, contínuo e prioritário de divulgação e diálogo. Propostas qualificadas de dossiês continuarão a ser acolhidas e avaliadas pela Comissão Editorial, mas a dinâmica regular do periódico não mais dependerá exclusivamente da composição de chamadas fechadas em editais específicos. As propostas de novos dossiês passam a ser acolhidas continuamente, enquanto a publicação dos dossiês se torna intermitente.

Um debate incontornável para a comunicação científica contemporânea diz respeito à incorporação acelerada de ferramentas de Inteligência Artificial (IA ou AI) generativa nos processos de pesquisa e escrita acadêmica. Longe de representar uma questão puramente técnica e instrumental, o tema toca no cerne da ética, tem implicações na noção de autoria, impacta a transparência e a responsabilidade científica.

O uso de IA vem sendo regulamentado por agências de fomento e órgãos reguladores da ciência nacional, a exemplo da Portaria CNPq nº 2.664, de 6 de março de 2026, que institui a Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq. O documento reafirma que a integridade, o rigor na atribuição de autoria e a transparência metodológica são pilares inegociáveis do fazer científico, determinando, entre outras diretrizes, a obrigatoriedade de declaração expressa sobre quais etapas e elementos da pesquisa contaram com o auxílio de ferramentas automatizadas e computacionais.

A comissão editorial da Tessituras entende que essa discussão não pode ser negligenciada. Em consonância com as diretrizes nacionais e internacionais de ética em publicação, anunciamos que está em elaboração uma política editorial específica para o uso de ferramentas de IA generativa, que em breve será integrada às nossas diretrizes para autores e divulgada na plataforma do periódico. Ainda que em formulação, nos parece imperativo antecipar, desde já, que tais diretrizes enfatizarão a impossibilidade de atribuir autoria ou coautoria a modelos ou sistemas de IA, recaindo integralmente sobre os autores a responsabilidade pelo conteúdo, exatidão

dos dados e referências apresentadas; o compromisso incondicional contra a emulação, falsificação de dados e citações inexistentes, garantindo a originalidade do trabalho investigativo e reflexivo; e, a exigência de declaração explícita no corpo do texto submetido (ou em seção metodológica ou em nota específica) sobre o uso de qualquer ferramenta de IA, detalhando as plataformas empregadas e as finalidades do uso (como revisão linguística, suporte a código ou tratamento de dados, por exemplo). Esperamos, com essas diretrizes, incorporar um importante marco de integridade e ética condizente com a complexidade do momento presente, resguardando o valor insubstituível do trabalho reflexivo, analítico e crítico humano na produção do conhecimento antropológico e arqueológico.

Mirando diretamente o presente número da revista e refletindo o rigor e diversidade que caracterizam esta nova fase, reunimos aqui as três primeiras contribuições originais que perpassam debates centrais da Antropologia.

O artigo de Rute Souza e Luciana Nóbrega , abre esta edição com a dança de São Gonçalo dos Anacé do Ceará. Ritual que reconecta este povo com sua memória coletiva de longa duração numa prática contracolonial compartilhada com quilombolas da região. O estudo expresso nesse texto articula de maneira original pesquisa bibliográfica e de campo, aspectos simbólicos e ontológicos, deixando de lado generalizações e reducionismos para alcançar questões identitárias. É também mais uma publicação de uma autora indígena na Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia.

Explorando as interfaces entre Universidade, Terreiro e Pesquisa Clínica Infectológica, Zoy Anastassakis, em coautoria com outras doze pessoas, apresenta o registro da experiência de contaminação pelo vírus Oropouche de um grupo de professoras, estudantes e parte da comunidade de um terreiro de candomblé. Este texto é uma cuidadosa discussão acerca das tramas de cuidado, saberes tradicionais e relações multiespécies que compõem uma desafiadora ecologia de práticas que se contrapõe a cosmopolíticas controladoras e desenvolvimentistas. Tanto quanto o texto anterior, este artigo aponta para abordagem transdisciplinares valorizadas em nossa revista desde seus primeiros volumes.

Do estado do Pará, Alexandre Alves, Marcelo Oliveira e Mayra Tavares trazem uma reflexão a respeito da pesca artesanal do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) no município de Bragança. Para além de uma abordagem antropológica da atividade pesqueira, o texto aponta aspectos econômicos que envolvem e determinam o modo de vida dos autodenominados “tiradores” e “marreteiros”, esses últimos os atravessadores que intermediam a venda do pescado ao consumidor final. Um sistema de dominação denominado “aviamento”, que submete comunidades tradicionais que retiram seu sustento de uma Reserva Extrativista Marinha à exploração econômica e social.

Até o final de 2026, outros textos deverão vir a compor este primeiro número do volume 14 de Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, seguindo o novo fluxo para textos avulsos apontado nos parágrafos acima. De modo que este Editorial não versa sobre o conjunto, mas aponta os rumos e dá conta do que já existe no momento do lançamento.

A consolidação das mudanças aqui apresentadas e a sustentabilidade de uma publicação científica aberta, gratuita e de alta qualidade dependem intrinsecamente do trabalho colaborativo. Expressamos nosso profundo agradecimento aos autores que escolheram a Tessituras para a veiculação de seus resultados de pesquisa, aos membros da Comissão Editorial e, de modo muito especial, aos pareceristas ad hoc, cuja leitura crítica, voluntária e anônima constitui o esteio do controle de qualidade por pares.

Convidamos todas e todos a uma leitura atenta, crítica e inspirada dos textos que compõem este número, bem como à contínua submissão de manuscritos que contribuam para o debate em torno de temas antropológicos e arqueológicos em nosso país e além-fronteiras.